

**O LÉXICO AUTODESCRITIVO DA MULHER TERENA DE
TAUNAY/IPEGUE: O DISCURSO E O PAPEL DA MULHER TERENA EM
SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICO-CULTURAL SUL-MATO-GROSSENSE**

Bento de Souza - UEMS

Resumo: O entendimento do papel da mulher em muito é ligado ao léxico e reflete no comportamento, e entre os povos indígenas isso não se expressa de forma diferente. Na etnia Terena possui uma trajetória histórica envolvente ao conhecimento de forma geral, mas que possibilita na análise dos espaços destinados à mulher, uma compreensão aprofundada das ligações do léxico ao comportamento. O objetivo deste estudo foi empreender uma análise sobre o léxico referente à mulher desta etnia indígena nos campos dos mitos de criação (que falam da base de cada povo indígena), na trajetória de sua etnia e na contemporaneidade. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, cujo resultado evidenciou a forte aproximação entre a realidade da mulher e a expressão léxica a seu respeito em sua etnia, sendo este mesmo léxico um espaço de reconhecimento e de contenção da mesma em sua sociedade. Como um dos povos indígenas mais integrados e com maior vocação de assimilação da cultura envolvente, as falas e papéis da mulher contemporaneamente expressam essa abertura e permitem a consideração da necessidade de compreensão destes conteúdos e de suas transformações no presente.

Palavras-Chave: Mulher; Terena; Léxico; Povos Indígenas.

Introdução

Os Terena são considerados um povo indígena de ampla contribuição para a formação do Centro-Oeste brasileiro, especialmente a partir de seu trabalho em fazendas e latifúndios, diretamente integrados à sociedade envolvente e, paralelo a isso, preservando os elementos fundamentais de sua identidade cultural. Uma das principais marcas históricas relacionadas aos Terenas envolve a sua participação na Guerra do Paraguai. Após esse conflito, houve uma remodelação representativa dos grupos Terenas, sobretudo no Mato Grosso do Sul. Isto marca um outro aspecto que envolve os Terena, que é a capacidade de acomodação dentro e fora dos ambientes aldeados rurais,

com ampla mobilidade, (OLIVEIRA¹, 1976). No contexto de um povo de alta adaptação e contato envolvente, a figura feminina ganha destaque.

Embora tenham esse padrão de alta adaptabilidade e possam se adequar ou migrar com representativa facilidade, os Terena possuem um forte senso de identidade sobre seus papéis e atuação social. Se vivem em aldeamentos, a sua estrutura de apresentação se mantém próxima ou mesmo igual à tradicionalmente presente desde os tempos mais remotos de seu grupo: mulheres nos trabalhos domésticos, artesanato e comercialização de alguns produtos gerados no meio coletivo, homens na agricultura de subsistência ou trabalho temporário, em sua maioria, em propriedades da região (LADEIRA, 2002, p.7).

No Mato Grosso do Sul, há cinco aldeamentos urbanos dos Terenas, e um dos grupos não urbanos mais numerosos, que reúne sete aldeias, está concentrado em Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana, que reúne cerca de 4,7 mil indígenas desta etnia (ORTIZ; MOURA², 2017). Em desdobramento, o autor ainda reflete que Taunay/Ipegue é uma das terras demarcadas de maior tempo de reconhecimento e, embora esteja em um processo de expansão de sua territorialidade, é um modelo representativo das formas de ser e de viver dos Terena que permanecem em um espaço tradicional. Como se situa em uma zona relativamente próxima da área urbana e de propriedades do município de Aquidauana, as trocas com o meio envolvente são frequentes.

¹ Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) formou-se em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) no início da década de 1950, mas é na Antropologia que sua carreira se consolida. Seu primeiro contato com a disciplina ocorreu ainda na USP, através das aulas ministradas pelo sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), que anos mais tarde orientaria sua tese de doutorado intitulada *Urbanização e Tribalismo: A interação dos índios Terena em uma sociedade de classes* (1966), dados extraídos da fonte: <https://ea.fflch.usp.br/autor/roberto-cardoso-de-oliveira>. Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

² Rosalvo Ivarra Ortiz, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGAnt/UFGD), possui graduação em Licenciatura plena em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados- FCH/UFGD. Atualmente é acadêmico do Mestrado em Antropologia Sociocultural pela mesma instituição de ensino. É membro do grupo de pesquisa GIPEDAS - "Grupo Iberoamericano para Pesquisa e Difusão da Antropologia Sócio-Cultural" vinculado à Universidad de Salamanca- Espanha (USAL) e Noêmia dos Santos Pereira Moura é docente da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Professora Adjunta IV da UFGD, licenciada e mestre em História com ênfase em História Indígena (UFMS), doutora em Ciências Sociais/Etnologia (UNICAMP). Coordenadora Institucional PIBID/UFGD. Pesquisadora na etnia Terena. O artigo da autoria desses pesquisadores: *Memória e trajeto secular: os terenas como protagonista de sua história*, pode ser localizado no link: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/8123>. Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

É reconhecido que, quantitativamente, há mais mulheres que homens Terena contemporaneamente no MS e, no contexto dos ajustes econômicos e sociais, sobretudo pelos impactos do desempenho e êxodo urbano, o papel tradicionalmente delegado ao feminino – cuidar do lar, comercializar eventualmente alguma produção dos grupos e exercer atividades de apoio – têm se modificado. Aquém dos Terena serem um grupo de alta adaptabilidade, as mudanças relativas ao gênero que ocorrem neste grupo social expressam um forte teor de resistência e mesmo preconceitos abertos, em opressão ao avanço de mulheres ao mercado de trabalho ou seguindo estudos (GABRIEL³, 2015).

Em um contraponto a este fator, as mulheres Terena permanecem em um curso de avanço e adentram ao trabalho e estudos, em uma espécie de momento adaptativo que, raramente, se mostra pouco confortável à etnia como conjunto. Assim, esta pesquisa busca identificar no léxico da mulher Terena contemporânea aspectos de seu discurso, tendo por base as mulheres que vivem em aldeamento na região de Taunay/Ipegue (Aquidauana, MS), como elas se adaptam, vivenciam e se estruturam a esta transição. Busca-se, em sua exterioridade gramática, identificar traços da vivência, natureza e percepção feminina sobre mitos, crenças, cultura e história e sua percepção de lugar, espaço e avanço na sociedade contemporânea.

Este artigo investiga o sentido de pistas linguísticas e discursivas entre mulheres Terena residentes nas terras de Taunay/Ipegue (Aquidauana, MS), a respeito de sua trajetória assumida na sociedade e dos espaços que acredita pertencerem à mulher. Assim, não somente discute o seu léxico sobre si e até onde a mulher Terena investigada pode ir, mas também até onde ela acredita que seu gênero poderia e avançaria sem fatores externos de contenção, qual seja a natureza. Assim, o léxico, o discurso das mulheres dessa aldeia, em diferentes idades e posicionamentos no grupo de convívio, serão abordados sob a trajetória feminina indígena registrada pela literatura em sua etnia e fora dela.

Este artigo se orienta ao discurso em sua conexão às teorias que se ancoram na linguística, assim como na interpretação dos fenômenos cuja ocorrência passa pela linguagem. O discurso da mulher Terena aldeada sobre si e seu gênero na perspectiva da

³ Devane Alves Gabriel nasceu e foi educada na terra de origem, aldeia Indígena Buriti no Município de Dois Irmãos do Buriti, MS, conforme consta no artigo de sua autoria: *Mulheres Terena: das universidades para as terras de retomadas da Aldeia Buriti em busca do direito coletivo: terra mãe*. Artigo disponível: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/%20view/365/339> ou Tellus, ano 15, n. 28, p. 157-163, jan./jun. 2015 Campo Grande, MS.

tríade língua, discurso e sociedade, a fim de identificar as interfaces culturais do ser mulher Terena frente à contemporaneidade. Dessa forma, gênero, língua, cultura e expressão serão posicionados em análise a partir do léxico da mulher deste grupo indígena sobre si e seu gênero frente ao mundo.

Nesse contexto, o objeto de estudo é o discurso da mulher Terena sobre gênero, autodescrição, cultura e contemporaneidade, tendo por norte a busca por pistas em seu léxico que sejam vinculadas à sua trajetória, aos preconceitos e inter-relações entre língua, sociedade e espaços, em relatos objetivos e subjetivos expressos no discurso. O objetivo deste artigo é, de forma bibliográfica, discutir o discurso e o léxico da mulher Terena residente nas terras de Taunay/Ipegue (Aquidauana, MS) sobre si e sobre o seu gênero frente aos movimentos de trabalho, estudo e os papéis sociais tradicionalmente atribuídos ao seu gênero.

Método

Este artigo é uma revisão bibliográfica, pesquisa qualitativa, descritiva, sob o enfoque da abordagem referente à da mulher Terena e as transições sociais vivenciadas na contemporaneidade a partir do léxico, tendo por foco o desenvolvimento de uma breve discussão educacional. As fontes de pesquisa foram coletadas em sites de universidades nacionais e internacionais que tenham estudos referentes a povos indígenas, com ênfase à Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bem como *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Google Acadêmico*, sob critério de análise das fontes por sua procedência e representatividade e como um dos buscadores de publicações de alta amplitude.

O léxico da mulher terena: por que se intercomunica à história

O léxico feminino Terena sugere envolvimento com importantes movimentos que circundam as resistências da mobilidade de papéis de gênero e seus impactos às mulheres que integram essa etnia. A gravidade da identificação e trato analítico desta temática foi descrita por Devane Alves Gabriel (2015), quando expressa a forte reprovação social à mobilidade da mulher na estrutura de convívio Terena, com críticas e detrações comuns – em uma sociedade usualmente habituada a transitar e adaptar seu

modo de vida. Sem a pretensão da interferência ou crítica ao processo no contexto individual e cultura Terena, a análise do léxico feminino permite evidenciar as bases culturais, antropológicas e ligadas às interações entre língua, ser humano e sociedade que podem se ligar direta e indiretamente a esta maior resistência, possibilitando a sua compreensão epistemológica e neutra.

O contexto da língua é parte da trajetória feminina Terena, e os principais termos e expressões que refletem a vivência cultural, histórica e social em uma conversão léxica. A partir do discurso livre, direcionado às questões de análise ao objeto, serão coletados termos, pistas léxicas e relatos que permitam alinhar no sentido linguístico os impactos e a vivência da mulher Terena contemporânea na sociedade envolvente e em sua sociedade. Quanto a seu léxico, contudo, as questões de gênero conectadas a este tema não são amplas.

Um dos exemplos voltados a este campo é pesquisa de Silva e Narico (2010), “Discursos de mulheres Terena: fragmentos de uma identidade étnica” que, a partir do discurso, teceu uma análise de sua coleta e representatividade para ilustrar a autoidentidade e a percepção da mulher Terena de si e do mundo pelo léxico.

Outro estudo foi o de Silva e Souza (2019), “Atitudes linguísticas na Aldeia de Lagoinha: manter ou apagar a língua Terena”, sobre as perspectivas e práticas que relacionam língua, história e sociedade de forma geral nesta outra aldeia terena sul-mato-grossense de amplo conhecimento. Por fim, Duarte (2017), com “Protagonismo de mulheres indígenas no espaço de poder: resistência e superação”, com uma descrição geral de mulheres de povos indígenas que ascenderam ao poder, entre elas Terenas, e suas acomodações e percepções frente à sua cultura e este fato.

Os terena

O Mato Grosso do Sul (MS) está entre os estados brasileiros com maior população indígena. Os Terena se incluem nessa parcela populacional, como povo chaquenho de língua *Aruák*, com população estimada de cerca de 26 mil indivíduos, distribuída de forma irregular pelo MS e Estado de São Paulo (SP), com maior concentração sul-mato-grossense nos municípios de Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo, mas também podem ser encontrados em menor número na região de Porto Murtinho, em terras que formalmente

são consideradas pertencentes ao povo *Kadiwéu*; em Dourados, em terras *Guaranis* e, fora do MS, em São Paulo, especialmente em territórios *Araribás*. No MS, as terras de Cachoeirinha e Taunay/Ipegue são consideradas seus principais aportes territoriais, cedidas ao povo indígena ainda no começo no século XX (LADEIRA; AZANHA, 2019).

Nesse interesse, a literatura indica que os Terena se dividem entre as organizações aldeadas tradicionais ou em aldeamentos urbanos, que são ao total de cinco: em “[...] Campo Grande, Capital do Estado – na Aldeia Marçal de Souza e outras quatro aldeias, no município de Anastácio – na Aldeia Aldeinha e em Sidrolândia – na Aldeia Tereré” (ORTIZ; MOURA, 2017, p. 81). Na terra indígena de Taunay/Ipegue estão presentes cerca de 4,7 mil terenas que se distribuem em sete aldeias: no “[...] Posto Indígena de Taunay estão às aldeias Bananal, Lagoinha, Água Branca, Morrinho e Imbirussu, enquanto o Posto Indígena de Ipegue atende as aldeias Ipegue e Colônia Nova”. (MOURA⁴, 2009, p. 142).

É importante observar que o levantamento teórico referente ao tema apresenta uma série de autores datados de período mais extenso, em razão da datação comum dos levantamentos de base referentes ao povo indicado na pesquisa. O início teórico sobre a estrutura social e modo de vida é importante, desse modo, “mergulhar na cultura do outro implica, de certa forma, tentar compreender a estrutura e a dinâmica de relações da etnia Terena, além de nos fazer refletir sobre a nossa própria maneira de ser e atuar sobre o mundo.” (SILVA, NARICO, 2010, p.16).

A partir da narrativa apresentada sobre a documentação da língua Terena, que trouxe aspectos de sua história, desenvolvida por Julio e Souza (2016)⁵, é possível identificar que os Terena possui uma organização social estruturada que, desde o contato com a sociedade envolvente, admite maior contato com o homem branco, chamado de *purutuya*, o não índio.

⁴ Autora da tese: O processo de terenização do cristianismo na Terra Indígena de Taunay/Ipegue no século XX. Ver pelo link: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280927>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

⁵ Aronaldo Júlio e Claudete Cameschi de Souza, são acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana. Departamento de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O artigo dos autores está no link: <http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/LINGUA%20TERENA%20relat%C3%B3rio%20Aronaldo.pdf>. Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

No grupo, pode ser encontrada uma divisão distintiva, formada pelos *kauti*, ou cativos, que foram agregados ao grupo durante a guerra ou capturas, e *Xané*, que formam o grupo dominante e principal, constituído principalmente pelos Terena, com duas divisões internas: *Naati*, formado pelos chefes e seus parentes, e *Waherê*, grupo integrado pelos demais Terena que não pertencem ao grupo *Naati*, ou seja, são os integrantes populares. Nesse grupo, o casamento entre integrantes dos grupos *Naati* e *Waherê* era considerado inadequado ou mesmo proibido, e somente os *kauti* eram livres dessa proibição. A magia e a religião do grupo eram destinadas ao exercício dos *xumono* e *sukirianó*.

Essa divisão pode ser complementada na compreensão das subdivisões do povo Terena, em sua maioria de natureza cerimonial, vinda do período em que o grupo habitava o chaco boliviano e paraguaio. Assim, as divisões respondiam às funções dos indivíduos que eram exercidas mais centralmente em momentos cerimoniais, não no cotidiano, como *shumono* (gente brava) e *sukirikono* (gente mansa). Nas cerimônias, os *shumono* eram responsáveis por realizar brincadeiras e atitudes lúdicas provocativas contra os *sukirikono* que, por sua vez, tinham de suportar de forma mansa tudo o que fosse feito, reagindo somente de forma verbal como retorno ao que era realizado. Cada grupo deste tinha seu *unati ashe*, o chefe, que poderia ser um ou dois, tendo como papel central o aconselhamento interno na aldeia, com escolha geralmente conduzida de forma hereditária.

Os guerreiros eram denominados *Shuna'asheti* e tinham um papel de proteção e liderança de embate. Assim, os terenas podem ser compreendidos, estruturalmente, como *Unati/Naati* (chefes, cuja sucessão não admitia mulheres), *Shuna'asheti* (guerreiros), *Waherê-shave* (pessoas comuns) e *Kauti* (escravos, em grande parte mulheres, jovens ou crianças que eram capturados em guerras ou outros confrontos, sem pertencimento à etnia, mas que a servia em suas necessidades), (OBERG, 1948).

Na dissertação de mestrado defendida por Paulo Baltazar⁶, observa que os Terenas possuem um forte traço de assimilação cultural e abertura a aspectos externos à sua cultura, desde que sejam positivos à sua sobrevivência. Essa abertura é considerada

⁶ Dissertação (Mestrado). Curso de Ciências Sociais (Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/3218/1/Paulo%20Baltazar.pdf> . Acesso em: 15 ago. 2021.

um dos principais fatores que contribuíram para uma espécie de distinção entre os Terena dos demais povos indígenas do MS, por exemplo, pois assumem contemporaneamente uma personalidade em muito diferenciada da que tinham originalmente, mas preservam a sua essência indígena utilizando essa adaptação à sua proteção. Mesmo a sua acomodação territorial é relacionada diretamente a essa capacidade adaptativa, sobretudo referente ao grupo de interesse deste estudo, Taunay e Ipegue.

O léxico, a mulher terena e sua identidade

De acordo com estudos das pesquisadoras Denize Elena Garcia Silva⁷ e Neusa Arashiro Narico⁸ (2010), existem entre o povo Terena uma coexistência forte que se divide entre a necessidade e opção pela adaptação e a força de fatores culturais e de sua identidade. Nesse campo surge o discurso como elemento expressivo da identidade do sujeito Terena, que expressa em diferentes momentos à coesão entre história, tradição e trajetória social/adaptativa. Esse discurso, de forma mais intensificada, se expressa no campo dos papéis sociais e, no interesse deste estudo, na fala relacionada ao gênero – em que a mulher Terena, ainda que inserida nos contextos envolventes e contemporâneos, em muito se volta em sua fala ao seu eu tradicional.

Assim, “analisar a fala da mulher Terena [...] é o primeiro sinal de sua exterioridade linguística inserida num contexto situacional e num contexto cultural que influenciam a sua forma de representar o seu discurso”, (SILVA; NARICO, 2010, p.17) e de se representar em seu discurso, pontuando sua percepção de si, de seu lugar em sua sociedade de origem e de seu espaço no meio envolvente. Isto se dá a partir da conexão com sua identidade contemporânea confrontada à sua identidade tradicional e aspectos associados ao seu papel neste meio que refletem em seu léxico.

⁷ Doutora em Linguística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma de México – UNAM (1996) e Mestre em Linguística pela Universidade Brasília – UnB (1991), onde atua como Professora Associada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Seus interesses de pesquisa envolvem estudos críticos do discurso e gramática sistêmico-funcional. É fundadora e sócia benemérita do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO);

⁸ Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (2005), desde 1998 participa de projetos de pesquisa voltados para a preservação da cultura e bem-estar dos povos indígenas na região centro-oeste. Seus interesses de pesquisa envolvem estudos culturais e o discurso das minorias étnicas, com ênfase na situação dos povos indígenas ameaçados de extinção. As pesquisadoras escreveram o artigo: *Discursos de mulheres terena: fragmentos de uma identidade étnica*. Link: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/1374/786>.

Parte das explicações que elucidam o papel da mulher na sociedade Terena pode ser obtida pelo conhecimento dos diferentes mitos de criação vigentes nessa cultura. Silva⁹ (1949, p. 349) relatou um dos primeiros mitos, em que a mulher é representada por *Livetchchevena*. O mito versa que, como existiam somente ela e seu irmão, *Yurikoyuvakai*, *Livetchchevena* plantou uma árvore e, quando essa deu frutos, o irmão os furtou. Com raiva, a mulher partiu o irmão ao meio e, com isso, foram criados dois índios – sendo o índio da parte superior o que comandava.

Outro mito de criação Terena também foi narrado por Souza¹⁰ (2008, p. 44-45): nele, *Yurikoyuvakai* era uma lacraia teimosa e persistente que desejava acompanhar sua mãe ao trabalho na roça, mas essa não permitia. A mãe, irritada, terminou por partir a filha teimosa ao meio, o que gerou dois novos índios. Os dois *Yurikoyuvakai* gostavam de capturar animais, mas nunca tinham sucesso, sempre outro animal ou caçador chegava antes que conseguissem seu objetivo. Assim, os *Yurikoyuvakai* gostavam de pedir a animais para que vigiassem suas armadilhas para caça, depois fazendo perguntas que, quando não eram respondidas, geravam castigos. Um dia, os *Yurikoyuvakai* pediram para que o Bem-Te-Vi vigiasse a armadilha, este acabou por descobrir que a caça era roubada por criaturas que ficavam abaixo de um monte de capim.

Ao saber disso, a dupla de caçadores Terena decidiu olhar dentro da porta que separava as criaturas do mundo e descobriram vários índios que tinham bocas abertas. Com isso, ordenaram para que saíssem e deram voz a eles, não emitiam sons, logo, não falavam, assim como deram terra para que pudessem viver. Este mito foi detalhado em maior profundidade por Bittencourt e Ladeira (2000, p. 22-23):

[...] havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ela andava caminhando no

⁹ Fernando Franco Altenfelder Silva (São Paulo, 28 de dezembro de 1916 — Rio Claro, 1993) foi um antropólogo, arqueólogo, pesquisador e professor universitário brasileiro. É considerado um dos pioneiros na pesquisa arqueológica e etnográfica no Brasil. Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Altenfelder_Silva. Acesso 19 de fevereiro 2023.

¹⁰ É Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, sua dissertação trata da temática indígena, conforme se vê no link: <https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/786/2/907168222.pdf>. Acesso em 19 de fevereiro 2023.

mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi.

Este homem, por curiosidade, começou a chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos Terena. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos os tirou todos do buraco.

Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia.

Finalmente ele convidou um sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso, pois todos esses povos deram gargalhados, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakae que estavam com muito frio.

Nesse sentido, é possível depreender de Bittencourt e Ladeira¹¹, que a mulher sempre se faz presente de alguma maneira nos mitos Terena, mas não é o centro de sua narrativa, indicando a submissão e não protagonismo que poderia ocupar o imaginário discursivo e prático da mulher nessa sociedade. Contemporaneamente, é comum que mulheres Terena se casem com homens de da etnia *Kadiwéu*, por questões territoriais de proximidade – e isso é reforçado pelo encontro do imaginário cultural dos grupamentos indígenas de que as Terena seriam esposas mais dedicadas, melhores para os homens. A partir desse exemplo, também é possível observar que a mulher representa um elemento cultural importante para a expansão territorial e cultural Terena, mas unicamente por meio do matrimônio com indivíduos de outras etnias.

Em desdobramento a essa percepção, Ladeira e Azanha (2019, *online*) observam que, na distribuição territorial nos lugares de vida, a organização habitacional primava pela patrilocalidade, em que a mulher se casava e passava a morar na casa de seu sogro até, pelo menos, formar sua própria família. O inverso também era possível, na forma da uxorilocalidade, mas esse arranjo é considerado pouco comum por ser interpretado como problemático e conflituoso entre os Terena. No núcleo familiar, pertence também ao homem a responsabilidade de capitanear a família em um aspecto social, atuando com solidarização política à parentela e no estreitamento de laços. Ao

¹¹ Ver também a obra das autoras no link: <https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/2018/06/A-Historia-do-Povo-Terena.pdf>. Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

homem, dessa forma, cabe o sentido de articulação, ou seja, na figura que é denominada como “cabeçante”. Nessa orientação patrilinear, os filhos são mantidos junto a seus pais e núcleo familiar, e as mulheres eram destinadas a outras parentelas, em um sentido flutuante de permanência no meio social.

Explicam Ladeira e Azanha (2019), que referencial levantamento dos povos indígenas brasileiros, observou que no terreno espiritual, a figura feminina tem igualmente papel distinto. O xamanismo é muito forte na organização social Terena, mas os *porangueiros*, como são conhecidos os xamãs (*koixomuneti*) são sempre homens, cuja função é a cura de doenças ou de problemas individuais/coletivos que – na concepção Terena – decorrem de ação de males espirituais. O xamã é orientado por uma figura que pode ser descrita como espírito companheiro, o *koipihapati*, que indica as razões dos problemas ou da doença e, por fim, dá alternativas para a cura. A mulher, em todo este processo, quando está presente assume unicamente funções auxiliares aos rituais ou práticas.

No sentido territorial, a mulher teve espaço nas práticas de expansão Terena como uma figura condizente à amistosidade desse grupo indígena junto a colonizadores, um traço que foi herdado dos *Aruaques*. No cenário econômico, a mulher tem desenvolvido forte atividade lucrativa, sobretudo venda de artesanato e produtos, bem como integração em grupos de trabalho fora dos espaços comuns de vida, para o corte de cana em fazendas próximas. Em um momento em que a presença Terena se dilui especialmente em zonas urbanas, a mulher se posiciona em um espaço de destaque no papel econômico de seus grupos. Isso se fortalece, especialmente, no reconhecimento do avanço de problemas como o alcoolismo, desemprego e demais efeitos do êxodo urbano, que impulsionam a mulher a um papel de liderança financeira familiar e igualmente remete os indígenas para fora dos aldeamentos e rumo ao espaço urbano. (DAYAN; LE BOURLEGAT, 2006, p. 19-20).

De acordo com Gabriel (2015, p.158-160), há mais mulheres que homens Terenas no Mato Grosso do Sul, e os dilemas contemporâneos que envolvem a etnia Terena contempla de forma evidente o gênero, por envolverem o subemprego, a violência doméstica ou não, a proteção familiar. Nesse sentido, a mulher surge como um dínamo de equilíbrio em uma sociedade de origem que se transforma e, ao contrário do que culturalmente lhe foi atribuído em lugar secundário, precisa acomodar-se em um

protagonismo culturalmente pouco conhecido. O impacto do discurso como força coagente sobre a mulher pode ser percebido também nos movimentos femininos em seu enquadramento na história Terena:

[...] quando as primeiras mulheres decidiram sair da comunidade para ingressarem na universidade, sofreram muitas discriminações em forma de calúnias por parte da própria comunidade e, às vezes, pelos próprios familiares. Quando casadas, recebiam as críticas dos familiares e seus esposos, dizendo: lugar de mulher é em casa lavando roupa, cuidado no marido que está na roça trabalhando. E isso não ficava distante da realidade do que vivemos ainda hoje: encontramos maridos que não deixam as esposas trabalharem ou estudarem por medo talvez de elas construírem uma nova visão de valores e direitos. (GABRIEL, 2015, p. 19-20).

Assim, a mulher se insere no contexto de uma etnia que, como observado por Ladeira e Azanha¹² (2019), procura a integração como fator primordial, estando às mulheres à frente da iniciativa econômica desta presença, na forma de vendedoras e de grandes grupos de trabalhadoras nas changas de cana-de-açúcar, trocando o seu papel anterior de elementos de expansão de territórios e domínios pelo papel de elementos essenciais de sobrevivência e alternativas. Diante deste novo papel, os movimentos exercitados ainda se parecem bastante semelhantes os anteriores –as mulheres saem de suas aldeias e expõem-se ao desconhecido simplesmente para não deixarem sua etnia e os seus desaparecem no ostracismo de um isolamento cada vez mais latente.

O Linguísta William Labov¹³ (1972), reconhece que aspectos potentes que interferem nas histórias e trajetórias de povos e grupamentos sociais geram reflexos em sua língua. Embora a observação citada de Labov tenha se referido às variações e mesclas linguísticas, é natural compreender a sua extensão ao campo do conteúdo da fala, que passa a traduzir aspectos de natureza histórica, social, antropológica e difusa.

Assim, o léxico da mulher Terena sobre si, sobre sua figura e densidade, reflete a sua realidade vivencial, de configuração cultural e individual à sociedade

¹² Ver obra dos autores: https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/sites/5/tainacan-items/137/113771/Acao_Indigenista.pdf. Acesso: 19 de fevereiro de 2023. Ação indigenista [livro eletrônico]: histórico, conjuntura e desafios 197-2019 / [organização Centro de Trabalho Indigenista]. I. ed. Brasília, DF: Centro de Trabalho Indigenista, 2021.

¹³ William Labov é um linguista estadunidense, considerado o fundador da sociolinguística variacionista.

dominante. Pelo léxico evocado sobre si, é possível obter conhecimento e análise a respeito de elementos que formam “[...] fenômenos linguísticos que, ademais de envolveram usos particulares do léxico do português, bem como de elementos de natureza gramatical, evidencia mudanças linguístico-discursivas que vêm à tona mediante o contexto de uso”, refletem os especialistas Silva; Narico, (2010, p. 16). Dessa maneira, ouvir a mulher Terena, em seu discurso quanto conhecimento do mito de criação, interpretação de seu papel e visão discursiva sobre a sua trajetória em sua etnia e sociedade permite reconhecer aspectos fundamentais de como a língua relata a experiência pessoal e coletiva.

A contemporaneidade da mulher terena – lutas e conquistas

É importante compreender o modo de vida atual do povo Terena para trazer junto a este entendimento uma análise sobre a situação da mulher dentro desta etnia. Para isso torna-se necessário um breve histórico desse povo.

Lembra Sganzerla¹⁴ (1992), que a aldeia representa um espaço específico para o Terena perpetuar e reforçar os laços construídos pelo parentesco, mas também é um espaço destinado para a decisão das formas pelas quais o comportamento Terena irá se adequar as novas necessidades, inclusive sendo o espaço onde as funções e papéis são determinados.

Conforme apontam os autores, a divisão de tarefas ocorre ali naquele interior, assim como também se definem os limites para cada gênero. Aponta-se que o comportamento geral da mulher Terena costuma refletir certa retração, agindo em geral nas funções de suporte dentro da aldeia, mas de forma bastante ativa nos papéis maternos e cuidados com a casa. Por esta razão, e pela forte barreira cultural, os autores indicam que quando uma mulher Terena assume um cargo de autoridade esta vem a ter um respeito ainda mais denotado, pois se reconhecem os obstáculos enfrentados para esta liderança. Acrescentem-se ainda as informações de Portela e Mindlin¹⁵ (1998) os pesquisadores relatam que a divisão de tarefas costuma ser feita dando aos homens os trabalhos relacionados ao preparo para o plantio e artefatos de guerra, enquanto as

¹⁴Ver também: <https://ihgms.org.br/vc-sabia/como-frei-mariano-participou-da-guerra-da-triplice-alianca-91>. Acesso: 19 de fevereiro de 2020.

¹⁵ Betty Mindlin é uma antropóloga, etnóloga, pesquisadora, escritora brasileira e professora visitante do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas sobre direitos, demarcação de terras indígenas e educação indígena e Fernando Portela, escritor e jornalista.

mulheres cuidam de tecer, fiar, colher o que for plantado, preparar o alimento para o consumo e produzir cerâmica através do processo artesanal. Atualmente, muito pouco da estrutura original das tribos Terena permanece, perpetuando-se unicamente a estrutura dualista, que divide a tribo nas metades *Xumonó* e *Sukirikionó*, tendo sido extirpadas pelo tempo as divisões estratificadas que havia nestas sociedades. Assim, é possível traçar um perfil das atividades e postura da mulher Terena no desenvolvimento de seu papel nesta nova organização moderna.

Um fator comum em grande parte das aldeias é o inegável interior existente e exercido pelas mulheres nas comunidades, precedido sempre pelo não reconhecimento destas como elementos de representação diante dos que não são indígenas.

A mesma fonte aponta que, em momentos cruciais de discussão sobre os rumos da aldeia ou sobre decisões relacionadas a este tema, a mulher costuma assistir e ouvir a temática afastada, ou simplesmente abstenendo-se de participar das discussões ou então participando de forma insipiente, ao menos no momento das exposições principais ou da reunião como um todo. Apesar desta aparente desconsideração, no momento de colocar em prática as decisões tomadas, as mulheres costumam ocupar o posto principal na execução dos diretrizes ali adotadas, sendo uma força inquestionável no interior das aldeias, mas na forma de um poder não manifesto.

Observaram Ladeira e Azanha (2004), que um dos maiores fatores de mudança no comportamento da mulher dentro da sociedade Terena tem sido o abandono do homem ao lar, procurando encontrar melhor situação fora da aldeia, seja em outros aldeamentos ou cidades. Na ausência da figura masculina, a mulher tem de assumir a responsabilidade de sustento e manutenção do lar, além também de zelar pela manutenção da cultura.

A construção da identidade Terena está sempre colocada no trabalho de reprodução cultural desenvolvido pela mulher, que atualmente está tendo de ser somado à necessidade de sobrevivência e à busca por sua identificação e localização social. Para os autores, além de terem inserido em si os elementos da reprodução cultural, as mulheres Terena tem colaborado grandemente com por meio de seus trabalhos dentro de venda de produtos gerados nas aldeias, no artesanato e em sua transformação em mais uma opção de mão de obra, expondo-se ao trabalho extra aldeia remunerado, sejam nos

grupos destinados as changas, seja no trabalho doméstico ou temporário em usinas de cana.

Dentro do contexto de mudanças que se abate sobre as aldeias indígenas, a etnia Terena passa por um processo que está sendo familiar a uma vasta gama de outras etnias - sua organização social está mudada e alguns dos principais papéis estão vagos ou indefinidos, e o papel feminino é um destes que está em redefinição – a mulher Terena hoje tem vontade de integração e de representação, buscando avidamente por estas conquistas.

Alguns traços persistem dentro da cultura Terena de maneira marcante. Menciona nos estudos de Ladeira e Azanha (2004), o fato de a agricultura ser uma destas vocações, estando presentes na vida dos aldeados – e sua presença indica também um meio a mais para adquirir a sobrevivência. Este mesmo autor aponta a importância do papel da mulher dentro do equilíbrio ecológico presente nas aldeias – como elas tecem, fiam e produzem artesanato, para que esta prática continue se perpetuando, as mulheres aldeadas obrigam a manutenção de áreas das quais possam retirar substratos para suas funções.

Ou seja, as Terenas acabam sendo responsáveis pela detenção do desenvolvimento desenfreado da agricultura, pecuária e demais atividades em suas áreas, atuando em uma pressão considerável para que seja feita a preservação de áreas de vegetação para que possam continuar seu trabalho como essencialmente fora. A destruição destas áreas, apesar da forte luta feminina contra a sua retração, conforme observa Azanha (2000), faz com que as mulheres Terena percam motivos essenciais para a sua permanência nas aldeias - o artesanato e as funções extrativistas.

Além disso, soma-se a situação a falta de fomento a divulgação e comércio do artesanato Terena, seja por forças Estaduais como por lideranças locais às aldeias, acabam por expor e levar a mulher Terena a deslocar-se aos centros urbanos ou regiões proximais para empregar-se em funções secundárias ou sub-remuneradas, retornando deste êxodo em geral grávidas e em situação de maior precariedade que a anterior à sua saída da aldeia.

O autor prossegue mostrando que, apesar de todas as dificuldades e problemas da exposição da mulher Terena ao trabalho externo às aldeias, e mesmo considerando as consequências de tais exposições – existe o fator da escassez dos

modos de vida dentro das aldeias, a insuficiência da agricultura como fonte de recursos para a alimentação e autossustento dos aldeados. Conclui o especialista este quadro conduz à valorização do trabalho feminino como alternativa de complemento ou então de arrimo à família.

Mesmo em condições de desvalorização inegável, a mulher tem sido constantemente deslocada para centros urbanos como modo de sustento de sua parentela, através do trabalho dentro da produção de cerâmica e venda de produtos advindos do extrativismo que domina. Com esta saída, prejudica-se uma das principais funções da mulher na cultura Terena, em prol da continuidade da sobrevivência e tentativa de melhora na qualidade de vida dos aldeados – é a mulher, em sua vida intra-aldeia, a responsável pela educação e transmissão cultural às crianças, perpetuando às gerações alguns valores essenciais à identidade Terena. Quando assume o papel de mantenedora do lar, atinge diretamente o seu papel de transmissora da cultura, tendo mais um desafio a ser superado.

Para Azanha (2000)¹⁶ a tarefa da mulher na disseminação cultural é fundamental, é primordial que os valores Terena devem ser reproduzidos e ensinados aos mais novos, na forma de uma educação primária e instintiva, responsável pela consciência étnica do povo Terena. A mulher em seus novos desafios inicialmente tem mais um embate pela frente – que é assumir seus novos papéis sem, contudo, vir a enfraquecer-se como elemento de fortalecimento étnico.

Informa o estudioso que algumas alternativas para a superação deste desafio já vêm sendo tentadas em várias frentes. Uma delas é a escola indígena – que aproveita da mulher a sua própria vocação educadora e sua inclinação à transmissão cultural para inseri-la como mestra dentro de uma escola bilíngue, com currículos moldados especificamente à educação e ensino regular indígena. É um resgate do papel social da mulher importante dentro da cultura Terena, bem como dentro do contexto atual – permitindo que ela possa obter renda e sustento.

A mulher enquanto sujeito histórico da etnia Terena ainda tem muitos caminhos a serem trilhados. Gilberto Azanha (2000) aponta que as lideranças indígenas têm a marca cultural de serem formadas e dirigidas por homens – os caciques, capitães e

¹⁶ AZANHA, Gilberto. Relatórios de Trabalho, CTI: Centro de Trabalho Indigenista, São Paulo:1986/1998 - Relatório GT 553/FUNAI, 2000.

outros nomes masculinos, de modo que é um pressuposto histórico relevante para a participação feminina dentro destas sociedades.

Diante disto, a mulher Terena tem procurado uma série de alternativas para fazer existir e valor seu pensamento, além de ressaltar seu importante papel desempenhado no atual momento de seu grupo, aquém da resistência geral, presente nas sociedades indígenas quanto à liderança feminina. Especificamente neste campo, considerando os expostos teóricos já referidos neste estudo, é possível afirmar que o processo de liderança feminina envolve a quebra de paradigmas importantes dentro das sociedades indígenas, contrariando preceitos há muito estabelecidos e exigindo um alto recondicionamento para sua aceitação.

Por meio da síntese e exposições do tema, vemos que a atuação feminina na parte de líder restringe-se unicamente na etnia Terena aos espaços e questões políticas – liderar os esquemas sociais internos das tribos/setores ainda é uma função afastada da realidade feminina. A atuação política e a representatividade unicamente nesta área refletem a imersão da mulher Terena no cotidiano de problemas enfrentado por seu grupo e também reflete o quanto estes problemas afetaram sua vivência, embora atingida pelas mudanças, mesmo tendo seu espaço modificado pelas alterações sociais e estruturais de sua sociedade, a mulher busca ativamente ganhar um campo de representação para defender seus interesses sob o seu ponto de vista – essencialmente diferenciado do masculino.

A aproximação da mulher Terena dos poderes de decisão interna das tribos continua sendo um dos desafios de seu desenvolvimento e autonomia, sendo um passo decisivo que irá permitir que pudesse ser incluída definitivamente no roteiro de discussões que afetam diretamente a sua vida e a de sua parentela.

Conforme dados da FUNAI¹⁷ (2006), a realidade social da mulher Terena apresenta outro cenário preocupante – a maternidade precoce (grande parte das mulheres tem seu primeiro filho aos doze anos em média), o alto número da prole, a miséria, mortalidade infantil e condições precárias de sobrevivência são presenças

¹⁷ A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério dos Povos Indígenas, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. Conforme link: <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acesso em 19 de fevereiro 2023.

constantes sobre esta parcela, que subsiste em condições de renda e estrutura geralmente precárias.

Conforme apontam os dados das pesquisas explicitadas, para superar as dificuldades trazidas por sua realidade social, as mulheres quebram as fronteiras culturais de sua atuação (extrativista e voltada ao que existe na aldeia), para auxiliar em trabalhos e atividades extra-aldeares no sustento da família – quando não saindo das reservas e indo para centros urbanos servindo de mão de obra acessível.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI 2021) também indica que, quando não pelas razões da miséria geral, o abandono do lar pelo homem faz com que a mulher tenha que sair em busca de alternativas de sustento. Quando não são impulsionadas para fora das aldeias em busca de sustento no trabalho temporário ou em sub-remunerações, a alternativa encontrada por cerca de 5% da população feminina Terena para gerar renda acaba sendo comercializar produtos da roça ou então artesanato indígena, onde esbarram na falta de políticas de fomento a estas práticas, conseguindo seus objetivos de renda sempre com muitas dificuldades.

O cenário então, elucidado os estudos feitos por Ladeira e Azanha (2004), leva as mulheres Terena a terem um interesse ou envolvimento direto/indireto nas questões políticas e de direito de seu povo simplesmente por ser uma das parcelas mais afetadas, junto a seus filhos que acabam por serem envolvidas na miséria presente neste momento atual de sua cultura. Os maiores desafios da mulher da etnia estudada estão centrados na descoberta e encaixe de uma nova função social, a de auxiliadoras do processo de desenvolvimento e sustento de seu grupo.

Antes o homem era o mantenedor único, porém, hoje com as novas situações, a mulher passou a ser uma ajuda Dora indispensável quando não única para o sustento daqueles que tem a sua volta. Imersas em um universo de tarefas culturalmente masculinas e desprovidas de preparo para situar-se neste novo ambiente, as mulheres Terena tem sido verdadeiros exemplos de superação, já que superaram os limites mais difíceis de serem quebrantados os limites e paradigmas culturais, sempre em busca de novas alternativas.

Considerações finais

A cultura Terena tem raízes históricas que a tornam dinâmica e aberta a novos conhecimentos e assimilações, tem sido assim durante todo o seu desenvolvimento, além de ser uma etnia altamente amistosa e integrada com a convivência em torno da cultura do não-índio e dos interesses de integrantes desta cultura. Somado a isto, a etnia Terena conseguiu desenvolver-se sem perder a sua identidade, a sua essência central: o saber-se Terena em qualquer situação de sua vida.

Mesmo estando envolvidos em momentos especialmente difíceis em sua história, os Terena hoje vivenciam – bem como grande maioria das etnias indígenas, um quadro de limitações e pressões sobre seus interesses e desenvolvimento: suas áreas estão cada vez mais restritas, sua cultura cada vez mais integrada e em uma relação de perigosa proximidade com a cultura branca e seus meios de vida históricos encontram-se quase esgotados. É uma situação limite que leva a problemas estruturais e à impossibilidade de continuidade na reprodução dos meios de vida que havia anteriormente.

Impedidos por uma série de limitações de realizarem seu papel natural, os indígenas do setor acabam por terem de desempenhar papéis estranhos a sua cultura para garantir sua sobrevivência, o homem indígena afasta-se do extrativismo e entrega-se a trabalhos temporários ou similares, expondo-se também ao álcool e outro malefício de uma sociedade estranha, levando a sua aldeia e grupamento familiar as consequências negativas deste entrosamento, seja nas condições subalternas de vida ou então na desagregação familiar trazida pelo alcoolismo e afins.

A mulher, figura culturalmente mantida, passa a ser obrigada diante dos novos quadros, a ser uma mantenedora auxiliar ou principal. É um desafio que exige uma revisão profunda por parte deste indivíduo, que tem de sobrepor as necessidades de sobrevivência em contraponto a uma série de valores e conceitos que lhe foi impresso durante toda uma vivência.

A Terena então tem de assumir que apesar de estar em uma cultura marcada pela patrilocalidade, apesar de ter suas tarefas e prioridades na educação dos filhos e trato com o lar, tem também de assumir o posto de lutar pelo sustento de sua parentela além também de ver limitadas as possibilidades de fazê-lo pelos meios que conhece já que o extrativismo vem sendo prejudicado paulatinamente pelo desmatamento e

descuido ambiental que leva a extinção dos meios de produção de artesanato e gêneros alimentícios típicos.

É um dilema que proporciona o interesse do conhecimento da força e alternativas desenvolvidas pela mulher Terena, neste estudo relatados sempre aliados ao cunho histórico e cultural em que ela existe, visando apresentar a caminhada e as possibilidades que se abrem diante deste gênero de uma etnia que de tão específica novamente desponta como expoente de um novo momento indígena, o redesenho do papel da mulher índia, não apenas como uma imersão na cultura e estrutura da sociedade Terena, mas também como uma proposta inicial para o conhecimento e desenvolvimento de novos estudos ante esta nova mulher que desponta não unicamente por sua vontade, mas também pela necessidade de sobreviver no mundo moderno.

Referências Bibliográficas

AZANHA, Gilberto. *Relatórios de Trabalho, CTI: Centro de Trabalho Indigenista*, São Paulo: 1986/1998 - Relatório GT 553/FUNAI, 2000.

BALTAZAR, Paulo. *O processo decisório dos Terena*. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais (Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/3218/1/Paulo%20Baltazar.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

DAYAN, Léo; LE BOURLEGAT, Cléonice Alexandre. *El indígena globalizado del Brasil sale de la reserva local con su cabeza en alto y sustentablemente: el viaje de vuelta de los indígenas del Brasil*. Apreis. 2006. Disponível em: <<https://apreis.eu/apreisp/wp-content/uploads/2017/02/El-Indigena-del-Brasil-2006-esp.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DUARTE, Danielly Coletti. Protagonismo de mulheres indígenas no espaço de poder: resistência e superação. *Movimentação*, Dourados, v. 4, n. 06, p. 20-44, jan. 2017. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/9475>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. FUNAI. *Fundação Nacional do Índio*. 2021. Disponível em <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

GABRIEL, Devane. *Mulheres Terena: das universidades para as terras de retomadas da Aldeia Buriti em busca do direito coletivo – terra mãe*. *Tellus*, Campo Grande/MS, v. 15, n. 28, p. 157-163, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/365/339>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

JULIO, Aronaldo; SOUZA, Claudete Cameschi de. *Língua Terena: contribuições para sua documentação*. Universidade Federal de Minas Gerais. 2016. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/lali/PDF/LINGUA%20TERENA%20relat%C3%B3rio%20Aronaldo.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. *Povos Indígenas no Brasil*: Terena. 2019. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LADEIRA, Maria Inês. *Terra Indígena Morro dos Cavalos "Tekoa Yma"*: relatório de identificação e Delimitação. São Paulo: Funai, 2002

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. *O processo de terenização do cristianismo na Terra Indígena de Taunay/Ipegue no século XX*. 2009. 306 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais (Etnologia Indígena).

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280927>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

OBBERG, Kalervo. *Terena social organization and law*. *American Anthropologist*, Nova Jérsei, v. 50, n. 2, p. 283-291, abr./jun. 1948.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*. 2ª edição, Livraria Francisco Alves, Editora S.A, Rio de Janeiro, 1976.

ORTIZ, Rosalvo Ivarra; MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. Memória e trajeto secular: os terenas como protagonista de sua história. *Realização*, Dourados, v. 4, n. 8, p. 80-86, out./dez. 2017.

PORTELA, Fernando; MINDLIN, Betty. *A Questão do Índio*. São Paulo: Ática, 1998.

SGANZERLA, Alfredo. *A História do Frei Mariano de Bagnaia*. Campo Grande: FUCMAT, 1992.

SILVA, Denize Elena Garcia; NARICO, Neusa Arashiro. *Discursos de mulheres Terena: fragmentos de uma identidade étnica*. *Raído*, Dourados, v. 4, n. 8, p. 15-29, jul./dez. 2010.

SILVA, Fernando Altenfelder. *Mudança Cultural Terena*. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, v. 2, p. 271-379, set./dez. 1949.

SILVA, Rodnei Eloi; SOUZA, Antonio Carlos Santana. *Atitudes linguísticas na aldeia de Lagoinha: manter ou apagar a língua Terena*. *Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA*, Juara/MT, v. 6, n. 1, p. 49-60, jan./jun. 2019.

SOUZA, Aluísio Fernandes de. *Atividade diária e (in)atividade física na sociedade indígena Terena: aldeias Buriti e Córrego do Meio*. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/786/2/907168222.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2021.